

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE A FAUNA DE LEPIDÓPTEROS DA AMÉRICA

p o r

R. FERREIRA D'ALMEIDA

Com duas estampas

I — Família PIERIDIDAE

Synchloë autodice Huebner, 1818
(Est. 1, figs. 2,4)

Synchloë autodice HUEBNER, 1818, Zutr. Exot. Schmett., p. 26, f. 151,
152.

Hesperocharis marchalii MABILDE, 1896, (nec GUÉRIN) Guia Pract., p.
52, t. 2, f. 1 a, b. c.

O gênero *Synchloë* Huebner foi publicado a primeira vez por esse autor na "Zuträge Exot. Schmetterlinge" p. 26 para a *Synchloë autodice* no ano de 1818 segundo HEMMING (HUBNER 2, p. 258, 1937), antes portanto do "Verzeichniss bek. Schmettlinge" (sic) p. 94, cuja data, de acordo ainda com HEMMIG, é de 1819. Consideramos, pois, como tipo do gênero *Synchloë* a *S. autodice* Hübner, 1818. O *Papilio callidice* Esper designado por BUTLER em 1870 como genotipo e que era uma das espécies incluídas neste gênero por HÜBNER no "Verzeichniss bek. Schmettlinge" (sic), tornou-se um pseudotipo, visto não ser mais uma das espécies originais deste último autor. *Parapieris* de Nicev. substituirá assim o gênero *Synchloë* dos autores.

Figuramos no presente trabalho a genitalia do macho de *Synchloë mercedis* (Eschsch., 1821), (Est. 1, figs. 3,6).

KLOTS representa a genitalia do macho da *Synchloë autodice* na "Entomológica Americana", 12, p. 218, t. 12, f. 87 (1931). É possível que a genitalia figurada seja a de *autodice*, notámos entretanto algumas diferenças no penis, as quais dão a este órgão uma semelhança com a da *Synchloë mercedis*.

Synchloë maenacte (Boisduval, 1836)

- Pieris maenacte* BOISDUVAL, 1836, Spec. Gén. Lép., 1, 517.
Pieris automata MABILDE, 1896, (*nec automata* Burmeister), Guia Pract., p. 55, t. 2, f. 5.
Pieris itaticayae JÖRGENSEN, 1916, (*nec itatiayae* Foett.), An. Mus. Nac. B.-Aires, 28, p. 473; RÖBER, 1924, in Seitz, Macrol., 5, p. 1024 (*nec* p. 60, t. 19 d).
Tatochila menacte KLOTS, 1931, Ent. Amer., 12, p. 218,
Pieris phileta itaticayae BREYER, 1939, 7 Kongr. f. Entom., Berlim, 1938, p. 34.

Maenacte não pertence ao gênero *Pieris* como dizem quasi todos os autores, mas sim ao gênero *Synchloë* Huebner (—*Tatochila* Auct.). KLOTS já a tinha incluído neste último gênero em 1931, mui acertadamente, pois tôda a estrutura da genitalia do macho, bem assim a nervulação, antenas, palpos, etc., são idênticos aos das espécies de *Synchloë*.

Synchloë maenacte itatiayae Foett.

(Est. 1, figs. 1,5)

- Pieris itatiayae* FOETTERLE, 1902, Rev. Mus. Paulista, 5, p. 624, t. 16, f. 5.
Pieris itaticayae, RÖBER, 1908, in Seitz, Macrol, 5, p. 60, t. 19 d.

Itatiayae Foett. tem uma genitalia completamente idêntica a de *maenacte* Boisduval; ela é apenas uma subespécie ou forma local desta última, peculiar ao maço do Itatiaia que se acha situado nos limites dos Estados de S. Paulo, Minas-Gerais e Rio de Janeiro, sendo muito comum não somente no Itatiaia propriamente dito, como também em Campos do Jordão no Estado de S. Paulo.

Há indivíduos de *maenacte* do sul do Brasil que apresentam uma nítida bordadura apical nas asas anteriores e alguns desenhos escuros na face inferior das posteriores, confundindo-se porisso com a verdadeira *itatiayae*; a estes indivíduos alguns autores têm aplicado impropriamente êste último nome.

TALBOT (Lepidopterorum Catalogus) coloca *maenacte* Boisd. no gênero *Ascia* e a *itatiayae* Foett. no gênero *Leptophobia*!

ROEBER (in SEITZ, Macrol., 5) escreve *menacte* e *itaticayae*, erros que têm sido copiados por diversos autores.

Appias (Glutophrissa) drusilla Cr.(Form. vern. *janeira* Boenningh.)*Tachyris janeira* BOENNINGHAUSEN, 1886, Verh. Ver. Nat. Unterh. Hamb., 9, p. 30.*Appias drusilla* f. vern. *minima* BREYER, 1939, 7 Int. Kongr. f. Entom. Berlin, 1938, p. 36.

Tivemos ocasião de examinar o holótipo, o alótipo e parátipos de *minima* que BREYER teve a gentileza de nos enviar para estudos. Ela foi com muito acêrto considerada por êsse autor como uma forma de inverno de *drusilla*, sendo todavia idêntica a *janeira* Boenninghausen. BREYER baseou-se naturalmente no trabalho de ROEBER (*in* SEITZ, Macrol., 5) onde *janeira* é considerada uma espécie distinta e talvez também em TALBOT (Lepidopterorum Catalogus) que confirma o que disse êste último autor, daí o seu engano classificando esta forma como nova, engano, aliás, útil em certo ponto de vista, pois vem confirmar o que vimos afirmando desde 1921, de ser *janeira* Boenninghausen, descrita de uma fêmea e não de um macho, simples forma de inverno de *Appias drusilla drusilla* Cr.

Pieris (Glennia) pylotis Godart, 1819

BREYER publica no 7 Intern. Kongr. f. Entom. Berlin, 1938, p. 35 nova forma a que denomina *impunctata*. A descrição do autor é muito deficiente e porisso nada podemos dizer de positivo sobre ela.

BREYER esqueceu de incluir na sua lista de *Pierididae* da Argentina a *Leptophobia aripa* (= *Pieris ballidia* Boisd.) espécie que ocorre também naquele país.

Ascia (Ganyra) buniae buniae (Huebner, 1825)

FORM. TÍPICA:

Catophaga buniae HUEBNER, 1825, Samm. Exot. Schmett., 2, t. 125, f. 1-2.*Pieris ausia* BOISDUVAL, 1836, Spec. Gén. Lép., 1, p. 531 (nec ♀) ♂.*Pieris buniae* f. *rusella* FRUHSTORFER, 1907, Soc. Ent., 22, p. 155.FORM. INDIV. ♀ : *ausia* Boisd.*Pieris ausia* BOISDUVAL, 1836, Spec. Gén. Lép., 1, p. 531. (nec ♂) ♀.*Pieris buniae* f. *digentia* FRUHSTORFER, 1907, Soc. Ent., 22, p. 155. ♀.

Buniae buniae Huebner é a única subespécie que ocorre na faixa litorânea do Brasil oriental, sendo bastante comum no Rio de Janeiro;

ROEBER (*in* SEITZ, 5) menciona entretanto duas subespécies para esta mesma região, a saber: *buniae buniae* Huebner para as "provincias centrais do Brésil" e *buniae ausia* Boid. para as "provincias méridionais do Brésil". Por províncias centrais êste autor entende a região litoreana que se estende de Pernambuco ou Baía até o Rio de Janeiro. *Rusella* Fruhst. e *digentia* Fruhst. são citadas como aberrações de *buniae ausia*. Há, pois, na obra acima referida, mais uma subespécie que na realidade não existe: *ausia* Boisd., simples forma individual fêmea de *buniae buniae* que, embora muito mais rara do que a forma típica, aparece ao lado dela em tôda a região de vô da subespécie, distinguindo-se apenas por ter em vez de um ponto disco-celular, um arco anegrado nas asas anteriores. *Digentia* Fruhst. é portanto um sinônimo de *ausia* Boisd. e *rusella* Fruhst. mais um novo sinônimo de *buniae* Hübner.

***Perrhybris pyrrha eueidias* Huebner, 1819**

Perrhybris eueidias HUEBNER,, 1819, Verz. bek. Schmett., p. 91 (Cit. Cramer excl.); HUEBNER, 1821, Samm. Exot. Schmett., 2, t. 121, f. 1-4.

Perrhybris pyrrha digitata FRUHSTORFER, 1907, Stett, Ent. Zgi., 68, p. 278.

Perrhybris pyrrha pyrrha f. *lucasi* FRUHSTORFER, 1907, ibidem, p. 278, (Patr. falsa).

Perrhybris pyrrha pandora RÖEBER, 1908, *in* Seitz, Macrol., 5, p. 64, t. 20 e.

Pandora Roeber foi considerada por nós em 1922, na nossa obra "Mélanges Lépidoptérogiques", como um sinônimo de *eueidias* Huebner e assim conservámos na nossa coleção êste último nome para designar a subespécie que voa no Brasil oriental. Os entomologistas, entretanto, continuaram a chamar de *pandora* aos indivíduos do Rio de Janeiro e de S. Paulo e ainda de *digitata* Fruhst. a uma segunda subespécie que, dizem, voa no Espírito-Santo. A vista da persistência dêsses colegas em manter tais nomes, resolvemos estudar de novo, cuidadosamente, esta espécie afim de esclarecer devidamente a questão, pois ficámos em dúvida se não teria havido qualquer engano da nossa parte quando estudámos a espécie em 1922. O resultado do nosso estudo foi-nos favorável e veio demonstrar que não sòmente a *pandora* Roeber, mas também a subespécie *digitata* Fruhst. e a forma *lucasi* Fruhst, são bons sinônimos de *eueidias* Huebner. Na faixa litoreana do Brasil oriental (excluindo o Estado da Baía de onde não temos material) vòa uma única subespécie de *Perrhybris pyrrha*: a *eueidias* Huebner que FRUHS-

TORFER em 1907 considerou erradamente como um sinônimo de *pyrrha pyrrha* Cramer das Guianas. Do engano de FRUHSTORFER resultou ficar sem nome a raça desta parte do Brasil, em vista do que êste autor deu-lhe o nome de *digitata*, baseando-se em exemplares do Espírito Santo que êle considerou idênticos aos do Rio de Janeiro. Para poder mais facilmente criar uma nova subespécie, ROEBER localiza a *digitata* no Espírito-Santo, designando pelo nome de *pandora* os indivíduos do Rio de Janeiro e de S. Paulo, dando-lhes como caracteres distintivos algumas diferenças insignificantes nas cores e desenhos das asas, diferenças muito frequentes, aliás, nesta espécie, sobretudo nas fêmeas, mas não particulares aos exemplares do Rio de Janeiro ou de S. Paulo. Temos indivíduos do Rio de Janeiro que concordam perfeitamente com as figuras de HUEBNER, quer quanto a coloração e aos desenhos da face superior das asas, quer sobretudo quanto a largura e a forma ligeiramente arqueada das faixas anegradadas da face inferior das asas posteriores. *Pyrrha pyrrha* das Guianas difere de *eueidias* Huebner principalmente pelas faixas mencionadas acima, as quais são mais largas e mais retas do que as desta última subespécie, o que aliás se nota nas próprias figuras de CRAMER e de HUEBNER.

Não somos contrários à criação de boas raças geográficas ou subespécies, pois achamô-las interessantes e úteis ao estudo de uma fauna, mas as falsas subespécies, infelizmente muito mais numerosas do que aquelas, só têm trazido ao estudo da sistemática a maior confusão possível. São nomes que, uma vez publicados, permanecem na literatura, por um tempo demasiadamente longo, como válidos, designando imaginárias subespécies como as que são postas em sinonímia no presente trabalho.

NOTA — *Papilio pyrrha* Cramer, 1775 é um homônimo de *Papilio pyrrha* Denis & Schiffermueller, 1775 e de *Papilio pyrrha* Fabricius, 1775. Não conseguimos descobrir a quem cabe a prioridade dêste nome, por isso conservamô-lo para a espécie de Cramer. *Papilio iphigenia* Schulze, 1776 não poderá substituir *pyrrha* Cramer, caso êste autor perca a prioridade, visto ser um homônimo de *Papilio iphigenia* Cramer, 1775.

Pereute charops venezuelana (Hopffer, 1879)

Euterpe charops venezuelana HOPFFER, 1879, Stett. Ent. Zg., 40, p. 66 (Colômbia).

Pereute charops columbica FRUHSTORFER, 1907, Stett. Ent. Zg., 68, p. 283 (Colômbia).

Pereute charops meridana FRUHSTORFER, 1907, ibidem, p. 283. (Norte Venezuela).

Pereute charops subvarians ROEBER, 1908, (Staudinger i. l.), in Seitz, Macrol., 5, p. 66 (Colômbia).

Pelo estudo do material que possuímos desta espécie, verificamos que os indivíduos da Colômbia e da Venezuela são semelhantes entre si, constituindo apenas uma subespécie na região que abrange os dois países mencionados, razão por que não podemos aceitar as diversas subespécies creadas por FRUHTORFER e ROEBER. Não conhecemos infelizmente a subespécie típica de *charops* Boisd. do México e da América Central, entretanto se os indivíduos da região acima citada formam realmente uma raça diferente de *charops charops*, esta raça deve chamar-se *venezuelana* Hopffer. A *praemeridana* Fruhstorfer é, pois, uma forma individual, caracterizada pela faixa amarela, em vez de vermelha da face inferior das asas anteriores. No caso, porém, que os indivíduos da Colômbia e da Venezuela sejam idênticos a *charops* típica, a forma *praemeridana* passará a ser um sinônimo e *venezuelana* uma forma que se distinguirá pela mesma faixa da face inferior das asas anteriores, a qual é de um vermelho fulvo, em vez de amarela como em *charops charops* Boisd.

***Pereute antodyca* (Boisduval, 1836)**

Euterpe antodyca BOISDUVAL, 1836, Spec. Gén. Lép., 1, p. 407.

Pereute antodyca bardela FRUHSTORFER, 1907, Soc. Ent., 22, p. 115 (Rio Grande do Sul).

Pereute antodyca paula ROEBER, 1908, in Seitz, Macrol., 5, p. 66 (São Paulo).

Pereute antodyca f. rosa ROEBER, 1908, ibidem, p. 65. (Rio Grande do Sul).

Temos exemplares do Rio de Janeiro (Friburgo), de S. Paulo, do Paraná e do Rio Grande do Sul, todos muito semelhantes. É uma espécie pouco variável, apresentando porém, às vezes, nas fêmeas, ligeiras diferenças na intensidade da côr da faixa rosa das asas anteriores; as escamas cinzentas que cobrem a superfície das quatro asas podem ser mais ou menos densas. Tais variações não são, porém, peculiares a qualquer região, devendo porisso ser consideradas como simples variedades individuais que não merecem absolutamente um nome.

***Pereute swainsonii* (Gray, 1832)**

Euterpe swainsonii GRAY, 1832, Griff. Anim. Kingd., 15, p. 674, t. 38, f. 2, (Brasil).

Pereute swainsonii phalera FRUHSTORFER, 1907, Soc. Ent., 22, p. 115 (Sta. Catarina, Rio Grande do Sul).

Temos indivíduos de Santa Catarina que não diferem em nada dos que possuímos de São Paulo. É pois, *phalera*, um simples sinônimo de *swainsonii* Gray.

Archonias (Archonias) tereas critias (Felder, 1859)

(Form. indiv. *nigripennis* (Butler, 1873))

Euterpe nigripennis BUTLER, 1873, Cist. Entom., 1, p. 174.

Archonias tereas critias f. *hades* FRUHSTORFER, 1907, Stett. Ent. Zg., 68, p. 282.

A forma individual *hades* Fruhst., 1907 é um sinônimo de *nigripennis* Butler, 1873. Caracteriza-se esta forma pela ausência da mancha branca das asas anteriores. Voa na Colômbia e na Venezuela.

Hesperocharis paranensis Schaus, 1898

Hesperocharis paranensis SCHAUS, 1898, Ent. News, 9, p. 215.

Hesperocharis lactea JOERGENSEN, 1916, An. Mus. Nac. B.-Aires, 28, p. 487. (partim); GIACOMELLI, 1916, (nec Burmeister), Physis, 2, p. 294.

Hesperocharis anguitia BIEZANKO & FREITAS, 1938 (nec Godart), Bol. Esc. Agr. "Elizeu Maciel", 25, p. 6.

Hesperocharis lactea f. *infrassignata* BREYER, 1939, 7 Int. Kongr. f. Entom. Berlin, p. 38.

Lactea dos autores argentinos corresponde a *paranensis* Schaus.

Hesperocharis anguitia (Godart, 1819)

Pieris anguitia GODART, 1819, Ent. Meth., 9, p. 146.

Pieris lactea BURMEISTER, 1878, Rep. Argent. Lep., 5, p. 13 (Atlas Nova-Friburgo).

Hesperocharis melissa D'ALMEIDA, 1913, Trois Lép. du Brésil, p. 1.

Hesperocharis anguitia f. *albescens* BREYER, 1939, 7 Int. Kongr. f. Entom. Berlin, 1938, p. 37.

Alguns autores atribuem um certo valor à presença de desenhos escuros na face inferior das asas posteriores, entretanto, o desaparecimento destes desenhos em *anguitia* não tem a menor importância, razão porque não vemos qualquer vantagem para o estudo em conservar o nome *melissa*, embora designe uma forma extrema desta última espécie; põmo-la porisso na sinonímia. A forma *albescens* Breyer é intermediária entre as duas, logo é justo que seja considerada também como um sinônimo. *Lactea* Burm., é a fêmea de *anguitia* Godt.

Hesperocharis erota (Lucas, 1852)

- Pieris erota* LUCAS, 1852, Rev. Zool., 2 (4), p. 329.
Hesperocharis anguitia MABILDE, 1896, Guia Pract., p. 52 (nec Godart).
Hesperocharis marchali marchali BIEZANKO & FREITAS, 1938, (nec Guérin), Bol. Esc. Agr. "Elizeu Maciel", 25, p. 6.

Catasticta flisa flisa (H. -- Schäffer, 1854)

- Euterpe flisa* HERRICH-SCHÄFFER, 1854, Ausereurop. Schmett., p. 54, f. 93, 94 (México).
Euterpe arechiza REAKIRT, 1866, Proc. Ac. Nat. Sci. Phil., p. 244 (México).
Catasticta arechiza BUTLER & DRUCE, 1874, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 357.
Catasticta flisa GODMAN & SALVIN, 1889, Biol. C. Amer. Lep. Rhop., 2, p. 117.

Arechiza Reakirt é um sinônimo de *flisa flisa* H. Schäffer e não de *Catasticta bithys* Hübner como dão certos autores. A *Catasticta flisa dilutior* Avinoff, Ann. Carneg. Museum, 16, p. 358, t. 32, f. 6, 3 (1926) da Colômbia, incluída na sinonímia de *flisa flisa* pelos autores, parece ser uma subespécie distinta, pelo menos os nossos exemplares da mesma procedência não concordam bem com as figuras de *flisa* de H.-SCHÄFFER as quais apresentam a faixa mediana mais reta e a borda externa das asas anteriores mais côncava; não temos, porém, material do México e da América Central para comparações.

Catasticta bithys (Hübner, 1825)

- Delias bithys* HÜBNER, 1827-1831, Zutr. Exot. Schmett, f. 467, 468.
Catasticta bithys huebneri LATHY & ROSEMBERG, 1912, Trans. Ent. Soc. Lond., 1911, p. 525, t. 46, f. 2 ("Perú" fals.).

Huebneri não é subespécie de *bithys* do Brasil conforme diz TALBOT (Lepidopterorum Catalogus, 53, p. 37) nem mesmo forma desta espécie como dá RÖBER in SEITZ, Macrol., 5, p. 1018, mas simplesmente um sinônimo. A *arechiza* Reakirt, 1866, Butler & Druce, 1874 e a *flisa* Godman & Salvin, 1889 são sinônimos de *flisa flisa* H.-Schäffer e não de *bithys* Hübner como querem os autores.

C. bithys é uma espécie própria do sul do Brasil, voando do Rio de Janeiro (exceto no Distrito Federal) até o Rio Grande do Sul (WEYMER) e Paraguai (BURMEISTER). É muito comum nas serras que circundam Angra dos Reis, no Estado do Rio, voando nos lugares descobertos sôbre as flores de diversas espécies de Compostas. Ela tem sido

confundida com a *flisa* de H.-Schäffer daí a indicação de México e América Central como pátrias desta espécie.

***Colias lesbia pyrrhothea* (Hübner, 1823)**

FORMA TÍPICA — *pyrrhothea*.

Colotis pyrrhothea HÜBNER, 1823, Zutr. Exot. Schmett., 2, p. 28, f. 365, 266.

Colias lesbia f. ♀ *micans* KÖHLER, 1923, Zeit. wiss. Ins. Biol., 18 (sep. p. 17, t. 3, f. 6).

FORMA INDIV. *heliceoides* Capronn.

Colias pyrrhothea v. ♀ *heliceoides* CAPRONNIER, 1874, Ann. Soc. Ent. Belg., 17, p. 13.

Colias lesbia f. ♀ *flavcola* KÖHLER, 1923, Zeit. wiss. Ins.-Biol., 18 (sep. p. 17, t. 3, f. 7).

Colias lesbia ab. ♀ *citrina* BREYER, 1930, Rev. Soc. Ent. Argent., 3, p. 169, t. 7, f. 2.

Damos abaixo a descrição de *heliceoides* Capronnier:

“Cette variété ♀ de *pyrrhothea* Hübner, dont il vient d’être question dans l’article précédent, se distingue du type ♀ en ce que le jaune orangé a pris la teinte de jaune soufré, absolument comme la var. ♀ *helice* du type *edusa* L. d’Europe.”

***Dismorphia (Dismorphia) zathoe* (Hew., 1858)**

Leptalis zathoe HEWITSON, 1858, Exot. Butt., 2, Leptalis, t. 3, f. 15 (Colômbia).

Dismorphia albimacula RÖBER, in SEITZ, 1924, Macrol., 5, p. 1033, t. 192 e (W. Colômbia).

Pelas figuras de HEWITSON e de RÖBER é facil verificar que *albimacula* Röber é simplesmente um sinônimo de *zathoe* Hewitson.

II — Familia NYMPHALIDIDAE

***Chlosyne narva* (F., 1793)**

(Form. ind. *bonpland* Latr.)

Cethosia bompland LATREILLE in HUMBOLDT & BONPLAND, 1811-1819, Observ. H. Nat., p. 199, t. 18, f. 5, 6.

Chlosyne narva loc. form. *brunhilda* STAUDINGER, 1888, Exot. Tafg., 1, pág. 96.

Brunhilda Stgr. é um sinônimo de *bonpland* Latreille. Os autores dão erradamente esta última como sinônimo de *narva* Fabricius.

***Euptoieta hegesia* (Cram., 1780)**

Papilio hegesia CRAMER, 1780, Pap. Exot., 3, p. 30, t. 209, f. E, F.

Euptoieta hegesia meridiania STICHEL, 1938, Lep. Cat., 86, p. 111.

Euptoieta hegesia karibica STICHEL, 1938, ibidem, p. 111.

STICHEL em 1938 divide a *Euptoieta hegesia* Cramer em três subespécies distintas: *hegesia hegesia* Cramer para os indivíduos do sul dos Estados Unidos da América do Norte até o norte e centro da América do Sul, inclusive Trindade e Curaçao, *hegesia meridiania* Stichel para os do sul do Brasil até a Argentina e *hegesia karibica* para os das Grandes Antilhas, incluindo também os das ilhas Bahamas. Temos exemplares de Cuba, do Equador, do Pará, do nordeste do Brasil (Paraíba do Norte) e de numerosas localidades do sul do nosso país, não conseguimos, entretanto, separar as diversas subespécies criadas por STICHEL. Os indivíduos do sul do Brasil, principalmente os do Rio de Janeiro, são realmente um pouco maiores e apresentam comumente todos os desenhos escuros das asas um pouco mais largos do que nos de Cuba, todavia, muitos destes indivíduos não diferem absolutamente de alguns do Equador; os que possuímos de Cuba são completamente iguais aos do nordeste do Brasil, tanto pela coloração fundamental das suas asas, como também pelo seu pequeno tamanho e pelos seus finos desenhos escuros. É humanamente impossível distinguir os indivíduos desta última procedência dos de Cuba.

A criação de subespécies da natureza das acima citadas só serve para trazer a maior confusão possível ao estudo dos lepidópteros, como já tivemos ocasião de dizer, pois tais subespécies só poderão ser determinadas pelos rótulos de procedência, mas nunca pelos seus característicos.

***Vanessa virginiensis virginiensis* (Drury, 1770)**

Virginiensis Drury deve prevalecer sobre *huntera* Fabricius, 1775. SEITZ (in Macrol., 5) dá *virginiensis* como uma subespécie de *huntera* própria da Virginia, quando a verdade é que esta última é apenas um sinônimo da primeira.

***Vanessa virginiensis iole* (Cramer, 1775)**

Iole Cramer parece ser uma raça distinta das Antilhas, pelo menos o nosso exemplar da ilha de Cuba difere um pouco dos indivíduos

da América do Norte; êle é intermediário entre a subespécie típica e *braziliensis* Moore do sul do Brasil. Caracteriza-se *iole* pela curta listra postmediana das asas anteriores a qual é branca como em *braziliensis* e não fulva como na subespécie típica; as manchas fulvas destas mesmas asas são semelhantes na côr e tamanho às de *virginiensis*; nas asas posteriores a faixa mediana fulva é um pouco mais destacada do que a desta última, devido à côr bruna do fundo que se apresenta mais distintamente entre ela e a faixa onde se acham os acelos, mas não formando uma verdadeira faixa bruna como em *braziliensis*. Se estas diferenças forem constantes, *iole* poderá ser mantida como uma raça distinta de *virginiensis*.

***Vanessa virginiensis braziliensis* (Moore, 1883)**

- Pyrameis braziliensis* MOORE, 1883, Proc. Liverpool Soc., 37, p. 236.
Pyrameis terpsichore WEYMER, 1894 (*nec* Philippi), Stett. Ent. Zg., 55, p. 321.
Pyrameis myrinna RAYMUNDO 1907, (*nec* Doubleday), Lep. Brasil, p. 55, t. 10, f. 35.
Pyrameis huntera HOFFMANN, 1932, (*nec* Fabr.), Ent. Jahrb., (sep.p. 8)
Pyrameis virginiensis BIEZANKO, 1938, (*nec* Drury), Bol. Biol. S. Paulo, n. ser.,3, p. 121.

***Anartia amathea amathea* (Linn., 1758)**

Anartia amathea amathea varia bastante na côr e sobretudo nas manchas brancas das asas anteriores; os indivíduos de Belém do Pará, são os que possuem menores manchas, reduzidas a minúsculos pontos brancos sombreados de bruno; estas manchas são um pouco maiores nos exemplares de Óbidos, aumentando de tamanho nos do nordeste do Brasil (Paraíba do Norte), sendo bem mais desenvolvidas ainda nos da Colômbia e atingindo finalmente tal desenvolvimento nos do Equador (Guiaquil) que facilmente podemos confundí-los com a *roeselia* Eschch., sobretudo com os indivíduos de Goiaz. Não vemos qualquer vantagem, por pequena que seja, em denominar tôdas estas variações locais, elevando-as a categorias de subespécies; se assim procedessemos dificultaríamos bastante o estudo da sistemática, pois tais subespécies não poderiam ser determinadas com precisão com semelhantes caracteres e as determinações passariam então a ser feitas de acôrdo unicamente com a etiqueta de procedência.

Dividimos, pois, esta espécie apenas em duas subespécies bem características: *amathea amathea* Linn. e *amathea roeselia* Eschsch., a

primeira habitando todo o norte da América do Sul, desde o nordeste do Brasil até o Perú e Equador (Guiaquil), a Colômbia e grande parte da América Central e a segunda todo o centro e sul do Brasil até o norte da Argentina, Paraguai e Bolívia.

***Anartia amathea roeselia* (Eschch.)**

Cynthia roeselia ESCHSCHOLTZ, 1821, Kotzeb. Reise, 3, p. 207, t. 5, f. 9.

Anartia amathea thymis FRUHSTORFER, 1907, Int. Ent. Guben, 1 (sep. p. 6).

Anartia amathea sticheli FRUHSTORFER, 1907, ibidem, 1 (sep. p. 5).

Thymis Fruhstorfer, citada como subespécie de São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraguai, e *sticheli* Fruhstorfer da Bolívia são simplesmente sinônimos de *amathea roeselia* Eschscholtz. Os exemplares que possuímos de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul não diferem absolutamente dos do Rio de Janeiro.

***Anartia jatrophae* (Johansson, 1763)**

Papilio jatrophae JOHANSSON, 1763, Cent. Inst., p. 25, n. 73.

Anartia jatrophae jamaicensis MÖSCHLER, 1886, Abh. Senkenb Nat. Ges. Frank f., 14, p. 27.

Anartia jatrophae v. *saturata* STAUDINGER, 1888, Exot. Tagf., 1, p. 104, t. 39.

Anartia jatrophae luteipicta FRUHSTORFER, 1907, Int. Ent. Zeit. Guben, 1 (sep. p. 6).

Anartia jatrophae v. *pallida* KÖHLER, 1923, Zeit. wiss. Ins.-Biol., 18 (sep. p. 24).

Jamaicensis da Jamaica, *saturata* de Pôrto-Rico e Haití, *luteipicta* de Honduras e *pallida* de Misiones, na Argentina, devem ser consideradas como sinônimos de *jatrophae* Johansson. Temos indivíduos desde a ilha de Cuba até o sul do Brasil e norte da Argentina. É uma espécie variável, mas estas variações não são peculiares a qualquer região, não podendo porisso ser elevadas à categoria de subespécies. Há exemplares claros do Rio de Janeiro quasi sem desenhos na face inferior das asas, iguais, portanto, à *pallida* Köhler, alguns bem mais escuros concordando perfeitamente com a forma típica; outros desta mesma procedência e também do nordeste do Brasil (Paraíba do Norte) são semelhantes a estes últimos, apresentando porém as duas ordens de manchas bordurais de ambas as asas de um amarelo fulvo como em *jamaicensis* de Cuba. MARSTON BATES considera boa subespécie os indivíduos das Grandes Antilhas e da Flórida, aceitando para êles o nome de *jamaicensis* Möschler. Diz êste autor que a subespécie caracteriza-se pelas man-

chas fulvas da borda externa das asas anteriores. Bem se vê que MARSTON BATES não teve em mãos grandes séries desta espécie, senão teria verificado quanto é ela variável. Teria encontrado no continente, sobretudo na América do Sul, indivíduos com o mesmo caráter que êle cita para a subespécie *jamaicensis*. Temos um exemplar de Guaiaquil, no Equador, que tem as asas quasi completamente cobertas de escamas brunáceas que o distinguem bem da forma típica. Se todos os indivíduos de Guaiaquil apresentarem sempre o mesmo caráter, merecerão, sem dúvida, ser considerados boa subespécie.

Gênero MESTRA Hübner, 1825

Mestra HÜBNER, 1825, Samm. Exot. Schmett., 2, t. 45 (Generotipo: *Mestra hypermestra* Hübner, 1825. Espécie única).

Cystineura BOISDUVAL, 1836, Spec. Gén. Lép., 1, Atlas, t. 9 (Generotipo: *Cystineura hersilia* Boisduval, 1836. Espécie única).

Os autores adotam o nome dado por BOISDUVAL para êste gênero, desprezando *Mestra* de Hübner que deve, entretanto, prevalecer, por direito de prioridade. HÜBNER escreveu *hypermestra* e não *hypermnestra* conforme dão os autores

Gênero BIBLIS Fabricius, 1807

Biblis FABRICIUS in ILLIGER, 1807, Magaz. Insektenkund., 6, p. 281.

Biblis Fabricius tem por generotipo o *Papilio biblis* Fabr., 1775, por tautonomia. Êste gênero é designado por quasi todos os autores pelo nome de *Didonis* Hübner, 1819, erradamente, pois a espécie tipo dêste último é o *Papilio vitellia* Cramer, 1782, espécie indo-australiana pertencente à família *Satyridae*. HÜBNER inclue no seu gênero apenas duas espécies: o *Papilio biblis* Fabr., 1775 e o *Papilio vitellia* Cramer, 1782. BILLBERG em 1820 creou o seu gênero monotípico *Zonaga* (aliás sinônimo absoluto de *Biblis* Fabr.) com o *Papilio biblis* Fabr., 1775, deixando ficar, portanto, no gênero *Didonis* de HÜBNER uma única espécie: o *Papilio vitellia* Cramer, 1782, que se tornou automaticamente tipo dêste último gênero. Ainda que o tipo de *Didonis* fosse o *Papilio biblis* Fabr. êste gênero não poderia prevalecer por ser posterior a *Biblis* Fabr.

Biblis hyperia (Cramer, 1779)

Papilio hyperia CRAMER, 1779, Pap. Exot., 3, p. 74, t. 236, f. E. F.
Didonis biblis nectanabis FRUHSTORFER, 1909, Int. Ent. Zeit. Frank, f.,

Didonis biblis sisygambis FRUHSTORFER, 1909, *ibidem*, p. 41

Esta espécie é designada por quasi todos os autores modernos pelo nome de *biblis* Fabricius, nome que não pode prevalecer por ser um homônimo de *Papilio biblis* Drury, 1770.

As supostas subespécies *nectanabis* Fruhstorfer do Rio Grande do Sul e *sisygambis* Fruhstorfer de São Paulo (Brasil) e do Paraguai são muito bons sinônimos de *Biblis hyperia* Cramer. É verdadeiramente lamentável que variações tão insignificantes e tão comuns em tôda a área de vôo desta espécie sejam elevadas sem o devido cuidado à categoria de subespécies.

Temos numerosos exemplares de *Biblis hyperia* provenientes de diversas regiões, desde o nordeste do Brasil (Paraíba do Norte) até Misiones na República Argentina.

Gênero MARPESIA Hübner, 1819

Marpesia HÜBNER, 1818, Zutz. Exot. Schmett., 1, p. 32 (Generotipo: *M. eleucea* Hübner, 1818. Espécie única).

Athena HÜBNER, 1819, Verz. bek. Schmett., p. 36 (Generotipo: *Athena thetis* Hübner, = *Papilio thetys* F., 1777. — *Papilio petreus* Cr., 1776, — *Papilio peleus* Sulzer, 1776. Espécie única).

Megalura BLANCHARD, H., 1840, Nat. Ins., 3, p. 446. (Generotipo: *Nymphalis coresia* Godart, 1824. Por. D. O.).

Marpesia Hübner tem prioridade sôbre *Athena* Hübner e sôbre *Megalura* Blanchard, êste último adotado por quasi todos os autores modernos (Ver HEMMING, HÜBNER, vol. 2, 1937).

Marpesia furcula (Fabr., 1793)

Furcula Fabr., 1793 deve substituir o *Papilio iole* Drury, 1782 por ser êste último homônimo de *Papilio iole* Cramer, 1775.

Marpesia marius (Stoll, 1779)

Marius Stoll é o nome que deve prevalecer para esta espécie, visto ser o *Papilio chiron* Fabr., 1775 homônimo de *Papilio chiron* Rott., 1775. Não conhecemos uma só subespécie de *Marpesia marius*, pois que a *insularis* Fruhstorfer, 1907 das Antilhas e a *chironides* Staudinger, 1885 de Cuba consideradas como tais, são apenas sinônimos dela. Se realmente existisse uma boa raça nas Antilhas, ela deveria chamar-se *marius*, sendo que neste caso haveria necessidade de crear um nome para designar os indivíduos do continente.

Marpesia petreus (Cramer, 1776)

Este nome deve ser aceito em lugar de *peieus* Sulzer, 1776, adotado por quasi todos os autores, mas que não é válido por ser um homônimo do *Papilio peleus* Johansson, 1763.

Ageronia velutina Bates, 1866

Ageronia velutina BATES, 1866, Journ. Entom., 2, p. 315.

Ageronia (Peridromia) arethusa form. *palliolata* FRUHSTORFER, 1916, in SEITZ, Macrol., 5, p. 545, t. 104a, f. 3 (sob o nome de *arethusa*).

Palliolata Fruhstorfer é a fêmea de *Ageronia velutina* Bates e não uma forma de *Ageronia arethusa* Cramer conforme diz FRUHSTORFER.

Dynamine myrrhina (Doubleday, 1849)

Eubagis myrrhina DOUBLEDAY, WOESTWOOD & HEWITSON, 1849, Gen. D. Lép., 1, p. 235.

Eubagis coeades BURMEISTER, 1878, Rep. Argent. Lép., 5, p. 170, t. 5, f. 10, 10 A.

HAYWARD em 1931 (Revista Sociedad Entomológica Argentina, 4, p. 122) inclui *coeades* na sinonímia de *myrrhina* Doubl. depois de ter comparado esta última com os tipos de *coeades* Burm. que se acham na coleção do Museu Nacional de Historia Natural de Buenos-Aires. A descrição e as figuras de BURMEISTER concordam realmente com os caracteres de *myrrhina* Doubl.

Gênero **EVONYME** Hübner, 1819

Evonyne HÜBNER, 1819, Verz. bek. Schmett., p. 61.

Eunica HÜBNER, 1819, ibidem, p. 61.

Evonyne Hübner, cujo tipo é o *Papilio amelia* Cramer, 1777, tem prioridade na página sobre *Eunica* Hübner que tem como tipo o *Papilio monina* Stoll, 1782. Ambos os tipos foram designados por SCUDDER em 1875. *Eunica* deve pois ser considerado como um sinônimo de *Evonyne*,

Evonyne margarita (Godart, 1819)

Nymphalis margarita GODART, 1819, Enc. Meth., 9, p. 406.

Eunica margarita ingens SEITZ, 1915, Macrol., 5, p. 485, t. 100 A, d.

Ingens é uma fêmea de *margarita* que não apresenta nada de extraordinário para merecer um nome; consideramô-la, pois, sinônimo desta última.

Eburnea Fruhstorfer, citada por SEITZ como uma subespécie de *margarita*, é uma espécie distinta conforme provou HAYWARD em 1933. Confirmamos as observações deste autor.

Evonyme sydonia (Godart, 1819)

Nymphalis sydonia GODART, 1819, Enc. Meth., 9, p. 416.

Cydelis empyrea HERRICH-SCHÄFFER, 1858, Auss. Schmett., p. 54, f. 73-76.

SEITZ (Macrol., 5) dá *empyrea* H.-Schäffer como uma espécie distinta de *sydonia* quando ela é apenas um sinônimo desta. FRUHSTORFER em 1908 já as considerava idênticas.

Evonyme caelina (Godart, 1823)

Vanessa caelina GODART, 1823, Enc. Meth., 9, p. 822.

Eunica mabildei RÖBER, 1903, Stett. Ent. Zg., p. 346.

Mabildei Röber é um sinônimo de *caelina* Godart.

Gênero CALLICORE Hübner, 1819

O gênero *Callicore* Hübner tem como tipo o *Papilio astarte* Cramer, 1779, espécie genericamente idêntica a *Nymphalis pygas* Godart, 1819 (= *Catagramma hydaspes* Boisduval, 1836) tipo do gênero *Catagramma* Boisduval, 1836. *Callicore* deve pois substituir *Catagramma* de Boisduval e Autores. Para o gênero *Callicore* Auct. há o nome *Diaethria* Billberg, 1820, cujo tipo é o *Papilio clymena* Cramer, 1775. HÜBNER dá duas espécies no seu gênero *Callicore*: *Papilio astarte* Cramer, 1779 e *Papilio clymena* Cramer, 1775; tendo sido esta última espécie retirada por BILLBERG para formar o seu gênero monotípico *Diaethria*, ficou, portanto, no gênero de HÜBNER uma única espécie: o *Papilio astarte* Cramer que automaticamente é o tipo do gênero. (Ver HEMMING, Generic Names Holartic Butterflies, 1934).

Callicore sorana (Godart, 1823)

Nymphalis sorana GODART, 1823, Enc. Meth., 9, p. 422.

Catagramma zerynthia BURMEISTER, 1878, Rep. Argent. Lep., 5, p. 173, t. 5, f. 9.

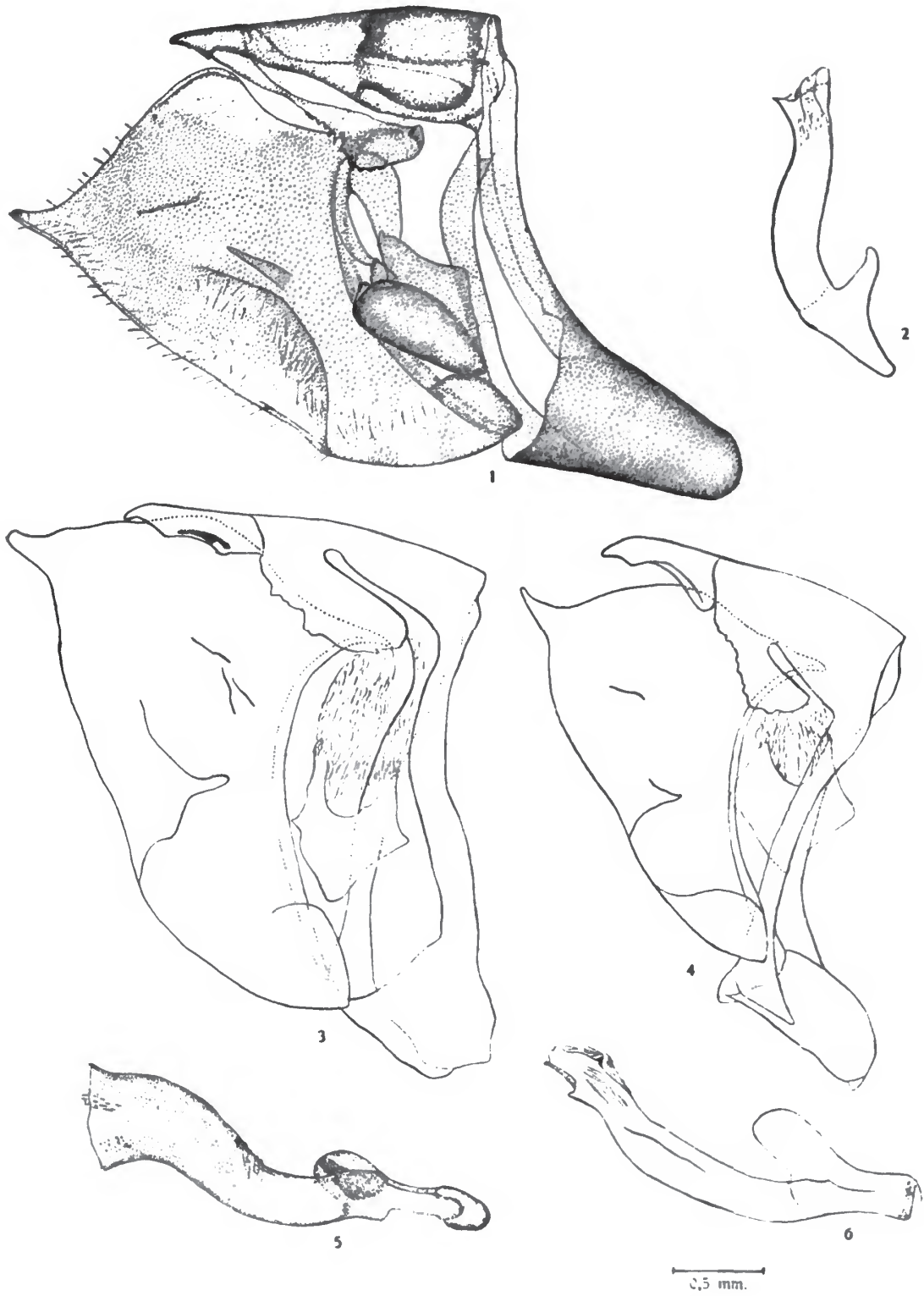
Segundo HAYWARD (Revista Sociedad Entomológica Argentina, 4, p. 114 [1931]), no Museu Nacional de História Natural de Buenos-Aires só há exemplares de *sorana* Godart e, porisso, supõe, aquele autor que um deles deve ter servido a BURMEISTER para a descrição de *zeryn-*

thia, razão porque êle inclui esta última na sinonímia de *sorana*. Estamos plenamente de acôrdo com HAYWARD, visto a descrição e figura de BURMEISTER concordarem perfeitamente com os caracteres de *sorana* Godart.

Temos exemplares da Paraíba do Norte, de Campinas em Goiaz, de Venceslau em São Paulo, de Uberlândia, Araxá, Serra do Cabral, Lassance em Minas-Gerais e do Paraguai. Todos estes indivíduos são praticamente idênticos, excetuando os da Paraíba do Norte que são um pouco menores, tendo talvez um pouco menos de azul nas asas posteriores, diferenças, aliás, muito pequenas e insuficientes, na nossa opinião, para poderem servir de base em uma separação dêstes indivíduos como subespécie distinta.

ESTAMPA 1

- Fig. 1 — Genitalia de *Synchloë maenacte itatiayae* Foett.
Fig. 2 — Falosoma de *Synchloë autodice* Hübn.
Fig. 3 — Genitalia de *Synchloë mercedis* Eschch.
Fig. 4 — " " *Synchloë autodice* Hübn.
Fig. 5 — Falosoma de *Synchloë maenacte itatiayae* Foett.
Fig. 6 — " " *Synchloë mercedis* Eschch.



ESTAMPA 2

Figuras 1, 2, 3 e 4 variedades de *Perrhybris pyrrha eueidias* Hübner.

PROCEDENCIA: Jacarepaguá, Rio.



